

Brasil pode pagar, diz Marcílio

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

O acordo sobre a dívida oficial com o Clube de Paris está "dentro da nossa capacidade de pagamento e portanto nos deixa margem suficiente para um bom acordo também com os bancos comerciais", afirmou ontem o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira.

Ele defrontou-se duas vezes com a questão. Primeiro, numa breve entrevista coletiva após seu almoço com altos executivos do Citicorp, Chase Manhattan, Chemical Banking, Bankers Trust e First Chicago no Hotel Intercontinental. E horas depois, na sessão de perguntas do auditório que se seguiu a sua palestra para empresários no Council of the Americas.

"É claro que as negociações com o Clube de Paris foram cerradas, como é a dos bancos, porque não há negociações fáceis", explicou Marcílio na entrevista coletiva. "Entretanto, nós ficamos dentro dos parâmetros do nosso programa econômico e só vamos pagar aos credores oficiais o que está dentro da nossa capacidade de pagamento."

A pergunta que ele ouviria no Conselho das Américas seria parecida. "Acredita-se que o Brasil tenha feito compromissos agressivos com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e com o Clube de Paris que talvez não tenha condições de cumprir, se pretende fazer também um acordo pelo Plano Brady com os bancos comerciais", indagou Martin Schubert, da Eurinam.

O ministro, que raramente altera seu tom de voz, não pareceu gostar da expressão "compromissos agressivos". "Não creio que tenhamos feito compromissos muito agressivos com o FMI e com o Clube de Paris", rebateu Marcílio. "Creio que são compromissos razoáveis. E nosso principal compromisso não é com o FMI ou com o Clube de Paris, mas com nosso programa econômico."

Brasil pode pagar, diz...

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

Em seguida lembrou que o compromisso do Brasil com o FMI é de reduzir a inflação substancialmente até o final do ano e trazê-la para "níveis civilizados no próximo ano". Como já dissera antes em sua entrevista coletiva, Marcílio ponderou que o número de 2% de inflação que consta na carta de intenções do País ao Fundo não é um fim em si mesmo, um objetivo, mas sim resultado de políticas fiscal e monetária estritas, de superávit primário e aumento das reservas — "este último, por sinal, um objetivo que já alcançamos".

O acordo com o Clube de Paris, por sua vez, permitiu ao País pagar cerca de US\$ 4,1 bilhões em 1992 e 1993, em vez dos US\$ 13,8 bilhões originais ou mesmo dos US\$ 7,3 bilhões inicialmente pedidos pelos credores oficiais. E o total acertado, insistiu, está dentro da capacidade de pagamento do Brasil.

Mas Marcílio estendeu-se em sua resposta a Schubert para notar que o acordo de redução da dívida do País pelo Plano Brady, em negociação com os bancos comerciais, "não é um Plano Brady típico, se é que existe um Plano Brady típico, o que eu duvido". De fato, acrescentou, apenas dois instrumentos dos cinco em debate com os bancos são "instrumentos Brady".

"Trata-se do Par Bond (bônus par) e Discount Bond (bônus de desconto), que exigem garantias cola-

terais como uma contrapartida do desconto que oferecem nos juros ou no principal. Os demais instrumentos não implicam desconto, e portanto também não requerem garantias colaterais. As negociações com os bancos comerciais apresentam aspectos difíceis, mas não insuperáveis", disse o ministro.

O chefe da equipe de negociação da dívida externa, Pedro Malan, que acompanha o ministro da Economia em Nova York, e que estava na mesa de negociações em Paris, acrescentou outro aspecto que não está sendo considerado pelos banqueiros mais preocupados:

"O pagamento dos US\$ 4,1 bilhões ao longo de dois anos não será nesse valor líquido", explicou. "Durante nossas negociações em Paris, vários representantes de países credores nos disseram que esperam concluir logo as negociações bilaterais para voltar a conceder créditos oficiais ao Brasil." Portanto dinheiro dos credores também deve entrar na conta. Malan observa que as negociações bilaterais com os credores do Clube devem estar concluídas no máximo até outubro próximo.

Também ao sair do encontro com Marcílio, o executivo internacional sênior do Citicorp, William Rhodes, que supervisiona a presidência do comitê assessor de bancos para o Brasil, desviou-se da pergunta sobre a preocupação de alguns bancos com os US\$ 4,1 bilhões que o País se comprometeu a pagar aos credores oficiais.



Marcílio Marques
Moreira

"Não quero fazer comentários sobre isso", disse Rhodes. "Creio que não tivemos uma chance ainda de examinar os detalhes do acordo do Brasil com o Clube de Paris. Mas penso em princípio que foi um evento positivo, e acho que agora o Brasil poderá dedicar-se integralmente à busca de um acordo com os bancos comerciais."

Rhodes informou que durante o almoço perguntou a Marcílio como ele sente as possibilidades de cumprir as metas — "ou que nome vocês preferiam dar a isso" — de inflação e os demais objetivos contidos na carta de intenções ao FMI. A resposta que ouviu foi positiva. "Dada a minha experiência com Marcílio ao longo dos anos, acho que isso vai acontecer, porque ele costuma entregar o que promete", afirmou o banqueiro.

Embora no mês passado tenha afirmado que o acordo com o Brasil sobre a dívida externa deveria estar

concluído até agosto, ontem Rhodes mostrou-se mais otimista: "Agora espero termos o acordo em princípio antes do final de junho". Falando pouco depois dele, Marcílio disse que espera ver o acordo em princípio firmado durante o primeiro semestre deste ano.

"Nós concordamos em reiniciar as negociações dentro de uma semana a dez dias", disse Rhodes, "e esperamos que a partir de agora possamos nos mover com maior rapidez. O ministro nos disse que o Brasil está ansioso para concluir o acordo o mais depressa que puder, desde que seja um acordo bom para o Brasil, claro. E a resposta dos banqueiros foi simpática a isso."

O presidente do Council of the Americas, embaixador George Landau, concluiu depois da exposição do ministro aos empresários que ele "transmitiu confiança". Outros banqueiros tiveram palavras semelhantes. "Ele mostrou firmeza no que está fazendo", disse Alexis Rodzianko, vice-presidente do Chemical Banking. "Transmitiu confiança", disse um vice-presidente do Bankers Trust.

Marcílio continua hoje seu programa com um almoço na revista Business Week e visita ao jornal The Wall Street Journal (depois de ter visitado The New York Times ontem). Além disso, receberá banqueiros (do Bank of America) e empresários (como o embaixador Thomas Enders, que lhe fez uma pergunta ontem no Council).